

Expandindo a fronteira ontoepistemológica da participação: o design como meio para construir políticas públicas

Resumo:

A partir de uma literatura crítica e posicionada, trabalhamos o conceito de fronteira epistemológica e apresentamos um movimento de expansão e contenção de conceitos de campos como política pública, design, participação efetiva e democrática para traçar possibilidades de copesquisa com comunidades em situação de vulnerabilidade social. Sendo assim, o presente artigo objetiva pensar criticamente o papel do design no processo de construção de políticas públicas, questões políticas e nossa posicionalidade enquanto pesquisadores. Para tanto apresentaremos nossos percursos de copesquisas com grupos de artesãs, movimentos sociais, grupos de economia solidária e políticas institucionais de gênero para a Universidade, investigando quais "cadeiras" o design/designer consegue ocupar e compartilhar nos processos de tomadas de decisão que envolvem essas pesquisas. Optamos pelo caminho metodológico dos estudos de casos múltiplos a partir de uma abordagem orientada pelo designantropologia. Por fim, apresentaremos como resultados as potencialidades e os impasses atravessados por nós, pesquisadores e os nossos copesquisadores, nesses processos.

Resumo Expandido:

No bojo dos movimentos sindicais escandinavos, entre as décadas de 1960 e 1970, surge o Design Participativo. Desenvolvido a partir de uma perspectiva crítica e influenciado por teorias marxistas, o design participativo buscou incorporar os trabalhadores nos processos de decisão de desenvolvimento de tecnologias, com o objetivo de democratizar os processos de design, garantindo que os mesmos tivessem voz ativa na criação de sistemas e ferramentas que afetariam diretamente suas rotinas. Diferente de metodologias centradas no usuário, que atuam mais de forma consultiva para o desenvolvimento de um projeto, o design participativo propõe a participação ativa e contínua dos sujeitos envolvidos, consolidando-se como uma prática comprometida com a inclusão, a justiça social e a construção coletiva do conhecimento no campo do design. Como campo em expansão e diálogo com outras formas de participação, o Design Participativo cria abertura para outras metodologias e modos de pensar participação em design, de modo a fomentar desdobramentos como o codesign (Binder et.al, 2015), o brasileiro Design em Parceria (Damazio, 2005) e nas últimas décadas, o Design Anthropology (Gun e Donovan, 2012; Smith et al, 2016; Ingold, 2013). Aliados à um pensamento em Design Anthropology, há mais de 10 anos o Grupo de Pesquisas Narrativas em Inovação, Design e Antropologia (NIDA/UFMA) vem desenvolvendo no Maranhão projetos para a construção de materialidades com grupos produtivos locais, vinculados à produção artesanal, aos territórios ancestrais e à terra, além de experiências no próprio ambiente acadêmico. Ainda que tenhamos iniciado nossas interlocuções teóricas com o Norte Global, nossas práticas de pesquisa e copesquisadores nos apresentavam desafios que democracias em países de estado de bem estar social não enfrentavam. As vulnerabilidades das comunidades com as

quais pesquisamos e as relações de poder imbricadas nos processos não nos permitiram continuar acessando apenas um pensamento teórico colonizado. Sentar-se à mesa para discutir participação em países escandinavos não pode ser um modo de pesquisar e participar replicado com uma comunidade de artesãs no interior do Maranhão, estado que disputa há décadas o primeiro estado em cuja situação de pobreza atinge 3.683 milhões de pessoas e representa 54% de toda sua população (IBGE 2023). Por esses motivos, em nossas experiências, constantemente vimos nossos processos colaborativos cerceados pela impossibilidade de diálogo com instâncias de poder do estado ou privadas, afetando as subjetividades envolvidas em processos de designantropologia (Izidio, Farias, Noronha, 2022). Também vimos nossos processos interrompidos pela falta de participação dos próprios interessados, uma vez que abrir mão de seu tempo de vida para participar de um processo colaborativo poderia impossibilitar um trabalho que garantiria a manutenção de alimentação para a família no dia seguinte. Por isso, ao falarmos em designantropologia – e sim, usamos no NIDA essa construção de termo em que juntamos as palavras, mostrando a profunda intersubjetividade entre os campos de saber, conforme argumentamos anteriormente (Izidio, Farias, Noronha, 2022) – assumimos diversas concepções e formas de aproximação entre tais campos, desde uma aproximação com o campo no Norte Global, as críticas Latino Americanas, até as nossas próprias formulações e concepções apreendidas por meio das práticas e trocas que, ao longo dos últimos 10 anos, vimos estabelecendo com os grupos com quem pesquisamos. Partindo da Fronteira (Bispo dos Santos, 2023), Antonio Bispo dos Santos, filósofo quilombola brasileiro conhecido como Nêgo Bispo, argumenta que nos saberes tradicionais e nos modos de viver de seu povo, não houve um processo de colonização. Então, intitula sua luta como contracolonial, já que não precisa desfazer uma suposta colonização, pois ela nunca aconteceu. Nêgo Bispo revela inúmeras estratégias contracoloniais, entre outras, afirma que precisamos friccionar as fronteiras entre nós e eles; entre os “diversais” e os colonizadores. Em diálogo, entendemos esta categoria da fronteira como fundamental para pensar os processos de designantropologia insurgentes, subvertendo a noção de dentro e fora, de inclusão e exclusão, tratando essas fronteiras como instâncias a serem provocadas por cosmogonias outras, direcionando-nos ao pensar em fluxos, em movimentos. A fronteira, neste sentido, não é um lugar estável (uma instância cômoda), mas de conflitos e fricções, a abrir caminhos para o dissenso, para os “diversais”, com repercussão na dimensão política e na dimensão epistêmica, envolvendo todos que participam de um projeto, de uma pesquisa, de uma ação. Então, propomos que a fronteira que delimita os espaços, divide, marca a diferença, possa também se constituir como campo de ação, não apenas de forma conceitual, como em uma abstração geométrica que delinea com pontos, linhas e planos, mas como campos de jogo, de batalhas ou campos magnéticos, com corpos, forças, linhas

de vidas, chão, texturas que dão às vidas ali presentes a possibilidade de serem e estarem conforme suas visões de mundo, trazendo suas narrativas outras. Nesta perspectiva, o presente artigo objetiva apresentar parte de nossas pesquisas envolvendo um grupo de artesãs, movimentos sociais, um centro de referência para economia solidária e um projeto de pesquisa para o desenvolvimento de políticas institucionais de gênero da Universidade, discutindo as questões políticas envolvidas nesses processos, o papel do design no apoio e construção de políticas públicas e o nosso envolvimento pessoal enquanto pesquisadores nesses processos, na investigação de que "cadeiras" o design/designer consegue ocupar nestas tomadas de decisão. A partir de uma abordagem de designantropologia, trataremos como procedimento metodológico os estudos de casos (Yin, 2018; Buckley, 1986; Stake, 1995) dos trabalhos com estes grupos. Como resultados, apresentaremos as potencialidades e os impasses atravessados por nós, pesquisadores e copesquisadores, nesses processos.

REFERÊNCIAS

BINDER, Thomas, et al. Democratic design experiments: between parliament and laboratory. *CoDesign* 11 (3-4), p. 152-165, 2015

BUCKLEY, Cheryl. Made in Patriarchy: Toward a Feminist Analysis of Women and Design. *Design Issues*, v. 3, n. 2, p. 3–14, 1986.

DAMAZIO, Carla Cipolla. Design em Parceria: uma abordagem centrada na relação com o outro. 2005. 228 f. Dissertação (Mestrado em Design) – Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/10346/10346_3.PDF. Acesso em: 4 jun. 2025.

GUNN, Wendy; DONOVAN, Jared. (Eds.) *Design and Anthropology: Anthropological studies of creativity and perception*. London: Ashgate, 2012.

INGOLD, Tim. *Making: Anthropology, Archaeology, Art and Architecture*. Abingdon: Routledge, 2013.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2023. Censo demográfico brasileiro de 2023.

IZÍDIO, Luiz Claudio Lagares; FARIAS, Luísa Gomes; NORONHA, Raquel Gomes. Reapropiación ontológica a través del diseñoantropología: producción de narrativas y subjetividades con artesanas en Paço do Lumiar, Maranhão. *RChD: Creación Y Pensamiento*, 7(12), 5–22. 2022. <https://doi.org/10.5354/0719-837X.2022.67632>

SANTOS, Antônio Bispo Dos [Nêgo]. 2023. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora (coedição Piseagrama).

SMITH, Rachel Charlotte, et al. *Design Anthropological Futures*, 2016.

STAKE, Robert E. *The Art of Case Study Research*. Thousand Oaks: Sage Publications, 1995.

YIN, Robert K. *Case Study Research and Applications: Design and Methods*. 6. ed.
Thousand Oaks: Sage Publications, 2018.